

BOLETIM DO GEPELE

(Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecológica)



Número 7, 2021

ISSN 2763-7255



UnB

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Departamento de Linguística

Instituto de Letras

Universidade de Brasília

Câmpus Universitário Darcy Ribeiro

CEP 70910-900 Brasília, DF

Organizadores:

Hildo Honório do Couto
Anderson Nowogrodzki da Silva

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	3
2. MINIARTIGO.....	3
3. MINIRESENHA	6
4. TESES, DISSERTAÇÕES E MONOGRAFIAS	8
5. PUBLICAÇÕES.....	9
5.1 Livros	9
5.2 Revistas	10
5.3 Artigos.....	10
5.4 Capítulos de livro	10
6. CURSOS E PALESTRAS.....	10
7. LANÇAMENTO DE LIVRO.....	11
8. TERCEIRA REUNIÃO DO GEPLÉ	11

1. INTRODUÇÃO

O presente número do *Boletim do GEPLÉ* mostra que ele está evoluindo cada vez mais. Do ponto de vista formal, além de ter conseguido o ISSN já no número anterior, está se consolidando cada vez mais a tendência a que o *Boletim* seja um veículo para a divulgação informal de ideias no campo da ecolinguística em geral e da linguística ecossistêmica em especial. Prova disso são os miniartigos e as resenhas, além dos resumos de teses de doutorado e de dissertações de mestrado defendidas no Brasil e em outros países. Enfim, temos a divulgação de livros, revistas, artigos e capítulos de livros publicados também no Brasil e no exterior. Além disso, são divulgados também cursos que fazem parte da grade curricular de algumas universidades bem como cursos esporádicos ministrados por especialistas, com o fito de divulgar nossa disciplina. Com a mesma finalidade, são divulgadas também muitas palestras de cunho ecolinguístico proferidas Brasil afora. Anuncia-se também o lançamento de um livro que aplica a linguística ecossistêmica no estudo de um dialeto rural de Minas Gerais. Por fim, o *Boletim* traz um relato da terceira reunião do GEPLÉ, realizada em 17 de junho de 2021. No final, há um *link* para o conteúdo do que foi discutido.

A monografia de Adriel Silva não é tese de doutorado nem dissertação de mestrado, mas um trabalho de TCC apresentado na UNESP-Araraquara, em 2013. Além de bastante antiga, achamos que vale a pena divulgá-la, pois ela apresenta uma proposta interessante de associar a mudança linguística à evolução biológica, como sugerido por Mufwene (2015) e por Couto (2009), autores mencionados nominalmente na monografia.

* * * * *

2. MINIARTIGO

CONSTRUÇÕES (A)GRAMATICAIIS E (IN)ACEITÁVEIS

Hildo Honório do Couto
Universidade de Brasília

Sabemos que a linguística ecossistêmica é um arcabouço no qual se podem estudar tanto os fenômenos exoecológicos (uso da língua nas relações dos falantes com o mundo extralinguístico) quanto os endoecológicos (“estruturas”, “gramática”). Estes últimos são o objeto do presente estudo. Mais especificamente, nele vou tratar dos produtos dos atos de interação comunicativa, ou seja, a organização interna dos enunciados que resultam desses atos. Pretendo falar da chamada (a)gramaticalidade relacionada à (in)aceitabilidade. A ideia por trás desses conceitos não é nova – ela já aparece pelo menos em Coseriu (1949) – mas, foi nos começos da gramática gerativa que eles passaram a ser discutidos com mais frequência (CHOMSKY, 1957, 1965). Nesse contexto, **gramatical** é a construção produzida de acordo com as regras da gramática da língua em questão, ou com as regras sistêmicas da linguística ecossistêmica. Tudo que não estiver de acordo com elas será agramatical. **Aceitável** é a construção que é usada com frequência na comunidade linguística em questão, em atos de interação comunicativa.

Do ponto de vista do uso normal na comunidade, ou seja, de aceitabilidade, as construções gramaticais podem ser de quatro tipos: inativadas, ativadas, desativadas, reativadas (MAKKAI, 1993). **Ativadas** são as que obedecem às regras sistêmicas e estão em uso na comunidade linguística. É caso de todos os períodos, orações, palavras, morfemas, sílabas e fonemas do presente ensaio. **Inativadas** são as que obedecem às regras sistêmicas, mas não estão em uso na comunidade linguística, de que veremos alguns exemplos mais abaixo. As construções gramaticais (sintáticas, morfológicas, fonológicas) compreendem tanto as ativadas quanto as inativadas. **Desativadas** são aquelas construções que obedecem às regras sistêmicas, já estiveram em uso na comunidade linguística por algum tempo, mas caíram em desuso. São os chamados arcaísmos, como *malhadiço* (que é malhado, que apanha), *soer* (costumar), *alhures/algures/nenhures* etc. **Reativadas** são aquelas construções gramaticais que estiveram em uso por algum tempo na comunidade linguística, caíram em desuso e, a certa altura voltaram a ser usadas. Não há muitos exemplos, mas um caso que tenho sempre mencionado é a palavra *sarado*, que ocorre na *Carta de Caminha*, 1.500 (sob a forma *saradinhas*), deixou de ser usada, mas voltou à tona nos tempos modernos para designar alguém com uma constituição física “perfeita”, sobretudo jovens musculosos. No que segue darei exemplos sintáticos, morfológicos e fonológicos.

Começemos pela **sintaxe**. Como já dito, tudo que se encontra no presente artigo é gramatical e aceitável, está ativado. Como construção gramatical não aceitável, inativada, podemos lembrar o famoso exemplo de Chomsky (1957, p. 15) *Colorless green ideas sleep furiously* (ideias verdes incolores dormem furiosamente), apesar de ser tão gramatical quanto *Tall slim girls walk elegantly*, traduzível como *garotas esbeltas altas andam elegantemente*. Um professor de fonologia pode usar a todo momento a construção *fonemas oclusivos surdos ocorrem frequentemente*, com exatamente a mesma composição. Entre as construções sintáticas desativadas (arcaísmos) no português brasileiro falado poderíamos mencionar a ênclise pronominal, como em *dir-se-ia* e *fá-lo-ei*. No momento não me ocorrem casos de construções sintáticas reativadas. Construções consideradas agramaticais são todas as que não obedecem às regras da gramática internalizada pelos falantes, ou seja, as regras sistêmicas. O próprio Chomsky dá o exemplo de construção (sequência de palavras) agramatical, que é *Furiously sleep ideas green colorless*. O equivalente português seria aproximadamente, *Furiosamente dormem verdes ideias incolores*. Como se pode ver, em português a agramaticalidade dessa sequência de palavras seria mais tênue. Usando o “contextual adjustability principle” (princípio de ajustabilidade contextual” de Makkai (1992, p. 101-111) e o equivalente de Slama-Cazacu (1956), podemos entender a sequência portuguesa como *Furiosamente, dormem verdes ideias*, [que são sentidas como] *incolores*, com o que ela se tornaria aceitável. Na linguística ecossistêmica o conceito de (a)gramaticalidade é relativo, embora não seja necessário sermos tão radicais quanto o ecolinguista Adam Makkai que disse que “gramatical é o que ocorre e agramatical o que não ocorre” (MAKKAI, 1993, p. 48), com o que subverteríamos o conceito de gramaticalidade e o de regras sistêmicas. Na verdade, a asserção de Makkai vale para o que o ouvinte, – e respectiva comunidade linguística – não acha estranho, ou seja, vale para o conceito de aceitabilidade. Passemos à **morfologia**. O que eu disse da sintaxe vale também para a morfologia: todas as palavras deste artigo são gramaticais e aceitáveis por estarem ativadas. Mas, no ecossistema mental dos falantes existem também construções vocabulares gramaticais que se encontram inativadas não estão em uso na comunidade linguística. No quadro a seguir, todas as possibilidades de combinação de prefixos, radicais e sufixos resultam em construções vocabulares gramaticais. Nem todas elas, porém, estão ativadas.

1	2	3	4	5	6
A	in	de	strui	vel/bili	dade
B		re	traí		
C		con	flui		
D		pro	movi		
E		trans	poni		
F		in	corre/i		

Só na linha *a* temos as palavras *destruir*, *destru(t)ível (bili)*, *destru(t)ibilidade*, por um lado, e, por outro lado, *indestrutível* e *indestrutibilidade*, que são aceitáveis, estão ativadas. No entanto, mesmo nessa linha a construção gramatical *indestruir* não é aceitável e não está ativada. Vale dizer, a maior parte das construções possíveis (gramaticais) é inaceitável, permanece inativada. Vejamos os prefixos da coluna 3 combinados com o radical da coluna 4 (*corre/i*) e os dois sufixos (-*vel/-bili*, -*dade*). No caso *correr*, *decorrer*, *recorrer*, *concorrer*, *transcorrer* e *incorrer* são aceitáveis e estão ativados, mas *procorrer*, não. Quanto a *corrível*, *decorrível*, *recorrível*, *concorrível*, *transcorrível* e *incorrível*, seguidos ou não de -*bili*- e -*dade* parecem aceitáveis, mas não estão ativados. Vê-se, assim, que as regras sistêmicas preveem muito mais construções do que as que são efetivamente ativadas, usadas. Isso vale também para a sintaxe e a fonologia.

Casos como *constitucionalismo* são mais flagrantes do que *destru(t)ibilidade*. Tanto que *restitucionalismo*, *destitucionalismo*, *prostitucionalismo* e *institucionalismo* também são construções gramaticais, fazem parte do ecossistema mental dos falantes, porém estão todas inativadas. Formas gramaticais inativadas como essas e as demais vistas acima permanecem subjacentes na mente de todos os membros da comunidade linguística, de forma latente, inconsciente. Portanto, fazem parte da língua da perspectiva da comunidade de língua, embora não da perspectiva da comunidade de fala, em que prevalece o uso, formas ativadas. A qualquer momento, porém, as construções gramaticais inativadas podem vir à tona, ser ativadas, tornarem-se conscientes e ser usadas, como quando alguém acha que “inventou” uma palavra como *restitucionalismo* (sistema em que há a prática de restituir alguma coisa), *destitucionalismo* (sistema em que se destituem as pessoas com frequência) e outras.

Em suma, todas as construções vocabulares do quadro supra são gramaticais, mesmo que permaneçam inativadas. Construções agramaticais em geral são também não aceitáveis, não são usadas, como é o caso **situ.al.con.ismo.cion*, que consta dos mesmos morfemas que *con.stitu.cion.al.ismo*, mas combinados de modo estranho às regras sistêmicas do português.

Na aquisição da linguagem pela criança ouvimos flexões verbais como *eu cabo aí?*, *eu fazi*; *mamãe fazeu ingual* (Leo, 2 anos e meio). Elas são perfeitamente gramaticais, porém não aceitáveis pelo menos em determinados segmentos da comunidade linguística, pela norma “padrão” (estatal), motivo pelo qual permanecem inativadas nesses segmentos.

Na **fonologia** a discrepância entre a totalidade das construções gramaticais e a das ativas e aceitáveis é bem menor. Assim, todas as sílabas que ocorrem no presente artigo são gramaticais e estão ativas, são aceitáveis. Porém, e diferentemente do que ocorre na morfologia e na sintaxe, até o presente momento eu consegui vislumbrar apenas uma sílaba gramatical inativada, /flès/ (com “é” aberto). Em trabalho anterior eu havia dito que no “nível silábico, nem todas as sílabas possíveis [gramaticais] estão ativas. Por exemplo, a sílaba /flès/ está prevista na gramática fonológica [...] do português. No entanto, que eu saiba ela ainda não foi ativada em nenhuma palavra da língua. Mas, como é gramatical, se algum dia alguém inventar um produto comercial e lhe der o nome de ‘taflés’, ninguém estranhará o neologismo. Ele está perfeitamente dentro dos padrões silábicos da língua” (COUTO, 2007, p. 205). No entanto uma construção como *l.e.s.f.a.t.*, com os mesmos fonemas (*t.a.f.l.é.s*), seria agramatical e decididamente inaceitável na comunidade linguística. Um outro exemplo de construção fonológica agramatical é /pferd/ que, portanto, é também não aceitável. Porém, em alemão ela é gramatical, aceitável e está ativada. Trata-se da palavra alemã *Pferd* que significa “cavalo”.

Todas as construções gramaticais fazem parte do ecossistema mental dos membros da comunidade linguística, mesmo que de forma latente, ou seja, inconsciente. Por exemplo, se alguém perguntar a qualquer um deles se determinada construção gramatical morfológica inativada pertence a sua língua, ele terá suas dúvidas. Diante de uma forma claramente agramatical como **dade.in.strui.de.bili* ele diria que é inaceitável (não a usaria), que não é uma palavra portuguesa, mesmo que tenha sido formada exatamente com os mesmos morfemas que *indestrutibilidade (in.de.struti.bili.dade)*.

No nível sintático as coisas são mais complicadas. Vimos que, como disse Chomsky, *Furiously sleep ideas green colorless* é agramatical e inaceitável em inglês, mas que o equivalente português *Furiosamente dormem verdes ideias incolores* poderia ser considerado aceitável e, talvez, gramatical. Portanto, no nível sintático vez de posições fixas, o que há são tendências para ocorrências dos elementos em determinada ordem. No português, por exemplo, há a tendência a colocar o adjetivo após o substantivo, na locução nominal (*menino pequeno, água fria, homem grande*). Mas, pode haver outras possibilidades, como *grande homem, pobre criança, (ele é uma pobre criança)* mesmo que com significado ligeiramente diferente do da ordem canônica. Uma oração como *o galo cantou* pode ocorrer também como *cantou, o galo*, por exemplo quando falante e ouvinte estiverem esperando pelo fato. Um menino de uns 10-12 anos de Brasília disse *Eu tinha já lá ido*, em vez de *Eu já tinha ido lá*. Mas, há outras possibilidades como *Lá, eu já tinha ido; Eu tinha já ido lá; lá* etc. O *lá* em geral ocorre na periferia da locução nominal, não em seu interior, como disse o menino. No entanto, ele foi entendido. À pergunta *Você quer ir viajar conosco?* Poderíamos ter as seguintes respostas negativas, sobretudo de uma perspectiva evolutiva: *Eu não quero viajar com vocês > eu não quero não > não quero > quero não > não*. Por que não poderiam ser consideradas gramaticais? De qualquer forma, essa variabilidade não é possível na morfologia e muito menos na fonologia. Em ambas só ocorrem as combinações gramaticais, quer estejam ativas na comunidade linguística, quer não.

Vimos acima que já em 1949, Eugenio Coseriu falava do que aqui é chamado de (a)gramaticalidade e (in)aceitabilidade (COSERIU, 1949). As formas inativadas estão incluídas no seu “sistema”, juntamente com as ativas, como se pode ver em Coseriu (1967, p. 62-63). Até o físico David Bohm falou desse assunto (BOHM, 2001 p. 67), no contexto da visão de mundo como processo (reomodo) em vez de um conjunto de coisas que se relacionam entre si. Em Couto (2007, p. 181-182) há um breve comentário sobre as ideias do físico. Onde se vê um tratamento formal desses fenômenos é em Leivada & Westergaard (2020).

Para a gramática gerativa a língua, mais especificamente a língua-i, é um programa produtor de sentenças gramaticais, contanto que tenha sido alimentado com as regras sistêmicas pertinentes; mas o programa gera também, além das construções usuais (aceitáveis), construções não usadas pelos membros da comunidade linguística. Para a gramática gerativa o fato de sua máquina produtora de sentenças gramaticais gerar não só construções ativas (efetivamente usadas em atos de interação comunicativa concretos) mas também construções inativadas (não usadas) é um problema. Para a LE isso não é nenhum problema, justamente porque ela distingue construções ativas de inativadas e gramaticalidade de aceitabilidade.

Uma pergunta como “A palavra tal existe?” não tem uma resposta simples, como sói acontecer com os modelos formais. Ela pode existir apenas como construção gramatical e ativada (efetivamente usada), como quase todas as do presente texto, mas também como forma inativada, portanto, de modo latente, inconsciente no conhecimento que os membros da comunidade de língua têm em seu ecossistema mental. Pode existir até como construção que foge dos padrões de gramaticalidade da língua, como alguns

empréstimos, contanto que seja bastante usada como acontece no âmbito da informática e da ciência em geral. Afinal, os ecossistemas linguísticos são porosos e trocam informações com os ecossistemas vizinhos. Além disso, o processo de globalização está levando a um uso bastante intenso de palavras tomadas de empréstimo a outras línguas, sobretudo o inglês, mas não só, como é o caso de *tsunami*, do japonês, cuja primeira sílaba contém um fonema complexo (/ts/) inexistente em português.

Como se vê, a pergunta “A palavra tal existe?” pode ter várias respostas. Com efeito, ela pode existir no sistema, mas estar inativada, caso em que só existe no ecossistema mental de cada membro da comunidade linguística. Se estiver ativada, ela existe no sentido que o leigo atribui a “existir”, ou seja, é gramatical e aceitável, portanto, ocorre em atos de interação comunicativa concretos (no ecossistema natural), o que significa que está compartilhada pelos membros da comunidade linguística, ou seja, existe também no ecossistema social, com o que faz parte do ecossistema integral da língua.

Uma última questão seria a semântica, o significado. Toda construção linguística (palavras, locuções, frases etc.) tem um **significado sistêmico**, como já dizia Bernard Pottier (POTTIER, 1976), uma base a partir da qual se pode criar em diversas direções. Esse significado existe apenas no nível da comunidade de língua. No da comunidade de fala o que vale é o **significado interacional**, que alguns chamam de significado contextual, ou seja, aquele que emerge em atos de interação comunicativa concretos no seio de uma comunidade de fala. Ao falar do significado de uma palavra é preciso levar as duas perspectivas em consideração.

Referências

- BOHM, David. Bohm. *A totalidade e a ordem implicada*. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.
- Chomsky, Noam. *Syntactic structures*. Haia: Mouton, 1957.
- _____. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.
- COSERIU, Eugenio. La língua di Ion Barbu. *Atti del Sodalizio Glottologico Milanese* I, 2, 1949, p. 2-8.
- _____. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madri: Gredos, 1967, 2ª ed.
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- MAKKAI, Adam. *Ecolinguistics: ¿Toward a new **paradigm** for the science of language?* Londres: Pinter Publishers, 1993.
- LEIVADA, Evelina; WESTERGAARD, Marit. Acceptable ungrammatical sentences, unacceptable grammatical sentences, and the role of the cognitive parser. *Front. Psychol.* 11:364, 2020. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00364>
- POTTIER, Bernard. *Sémantique et logique*. Paris: Jean-Pierre Delarge, 1976.
- SLAMA-CAZACU, Tatiana. Le principe de l’adaptation au contexte. *Revue de linguistique*, tomo 1, 1956, p. 80-118.

* * * * *

3. MINIRESENHA

Revista Njinga e Sepé: revista internacional de culturas, línguas africanas e brasileiras v. 1, n. 1, 2021, organizada por Alexandre António Timbane, da UNILAB - Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, *campus* Malês (São Francisco do Conte - BA), onde está hospedada. <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njinggaesape/issue/current>

Resenhado por Márcio M. G. Silva (*Pesquisador independente, linguista, tradutor e ambientalista*)

O título desta revista já sugere a que ele veio: divulgar a diversidade linguística e cultural africana e brasileira, sem descurar de outras, como as da Ásia. A revista abriga também textos em e sobre línguas de sinais. Como disse o criador e editor-chefe António Timbane (UNILAB) na Apresentação, “O nome *Njinga & Sepé* foi escolhido em homenagem à rainha africana Njinga Mbandi e ao guerreiro indígena brasileiro Sepé Tiarajú”. Ainda em suas palavras, “Este número é composto por 35 trabalhos escritos, oralizados ou visualizados disponíveis para imediata leitura ou *download*. Os vídeos ficam disponíveis no canal do Youtube”. Esses 35 trabalhos preenchem as 366 páginas da revista, volume não muito comum para publicações do gênero. As contribuições estão distribuídas por 6 seções. A despeito de bastante

extenso, reproduzimos o Sumário a seguir, para que a(o)s leitora(e)s tenham uma ideia geral sobre a diversidade de temas tratados, do ecletismo e da polivalência da revista.

SUMÁRIO

Seção I- Artigos inéditos e traduções/interpretações

-Padronização e harmonização da ortografia de línguas moçambicanas, Bento Siteo	9-24
-O pretuguês, o português em/de Angola: “é o problema que estamos com ele”, Amélia Mingas	25-37
-A toponímia e a diversidade linguística em Moçambique, Armindo Ngunga	38-62
-Particularités stylistiques de l’incise et motivations rhétoriques du discours cité chez Dongala, Elongo	63-79
-Pensar na morfossintaxe de substantivos de prefixos zero (Ø) e do prefixo /KU-/ da classe 15 em cokwe (K10), Daniel Peres Sasuco	80-102
-Reflexão sobre o uso e atribuição dos nomes na cultura dos bakongo, Eduardo D, Ndombele & Makikadila Afonso	103-119
-Edukason familiar na Guiné-Bissau: um kaminhu pa sosedadi kuna rispita mindjer, Pansau Tamba, Solange Cunhi Indi	120-136
-Língua e Identidade Cultural: Um estudo Onomástico em Antroponímia do Grupo étnico papel da Guiné-Bissau, Ivo Aloide Ié	137-153
-A nova política da educação e o impacto da abolição de exames no ensino primário em Invinha-Gurúè, Daniel Agostinho Andissone & Alberto Bive Domingos	154-168
-Diagnóstico do nível das dificuldades de conjugação de verbos regulares e irregulares em alunos da 11ª classe do instituto médio politécnico de lândana, Nelson Chibilli	169-182
-Os ritos de iniciação na cultura yao e impactos na pedagogia educativa no Niassa-Moçambique, Daniel A. Marcos	183-199
-Raízes do colonialismo na África: o caso da Guiné-Bissau, Pascoal Jorge Sampa	200-216
-Portuguesismos dos arabismos da botânica na língua bantu (kiyombe), Nadia Tadlaoui	217-230
-Revisitando a fonologia do copi: processos fonológicos envolvendo vogais e consoantes, Nelsa Nhandumbo	231-250
-Folia de São Sebastião em território quilombola: territorialidade, identidade e crenças, Hélio Santos & Hélio Monteiro	251-265

Seção II -Entrevistas, resenhas de livros

-Resenha sobre o livro “Morfologia e sintaxe do ngangela”, Zavoni Ntondo, Daniel P. Sassuco.....	266-277
-Resenha da obra “Genealogia familiar e aspectos da cultura Bantu, hábitos e costumes na tradição dos Ovimbundu, Benguela” de Graciano Catumbela, Bruno Eduardo dos Santos Cerqueira	278-281

Seção III -Poesias e letras de canções populares

-Retour aux sources de la mère, Peresch Aubham Edouhou	282-288
-NhaGuiné: poesias da Guiné-Bissau, Eduardo Boni Nanque	289-292
-Poesia em Oshikwanyama (Oshitevo mOshikwanyama), Hanyem ʼtukwete Kondja	293-296
-Poemas “Raízes do Berço”, Miguel Mandresse	297
-Poemas de Amor, dor e plus, Marcos Vinicius da Hora Silva	298-303

Seção IV-Relatos de experiências, fotos, receitas de comidas tradicionais, ritos e festividades

-“Gammu” um ritual dos muçulmanos na Guiné-Bissau, Joarsem Bacar Embaló	304-310
-Relato de Experiência na área de comunicação social, Cidália Mendes Correia Tavares	311-317
-Uma língua indígena de sinais brasileira, Priscilla A. S. Soares, Cristina M. Fargetti	318-326
-Exposição fotográfica de quadros, Fabiana Macaluso	327-340

Seção V –Provérbios, tabus, mitos

-O crocodilo “enviado” especial, Arune Valy	341-342
-Artigos da Constituição da República de Angola (2010): tradução em umbundu (Parte I), António Paulo Cuionja & Emídio Jeremias Jossué	343-345
-Artigos da Constituição da República de Angola (2010) em Umbundu (II), Emídio J. Jossué	346-348
-Olunyaneka: Elaka lye bantu lyo Angola lyetukwatefako okupopya omukifi wo COVID-19, Narciso Benedito Homem & Manuela Garrett Benedito	349-355
-Carta do Prof. Dr. Armindo Ngunga por ocasião do Dia Internacional da Língua materna, Armindo Ngunga	356-358
-O túmulo errado (parte I & II), Ortega Teixeira	359-361

Seção VI-Línguas de sinais

-Interpretação na Libras da Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural, Gessica L. Sabino, Paulo H. Pereira	362-363
-Apresentação do Curso de Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique, Rosalina Zamora Jorge et al	364
-Poesia em Língua changana “Vunjinga la XiBentwani”, Marcos Macamo	365-366

Para o que interessa aos praticantes de linguística ecossistêmica, há artigos sobre toponímia, como o de Armindo Ngunga, (p. 38-62) e o de Ivo Aloide Ié (p. 137-153). A maioria dos textos trata de questões culturais, de ensino de línguas e de políticas linguísticas que valorizem as línguas minorizadas. Os aspectos gramaticais não são deixados de lado, como a fonologia, a morfologia e a sintaxe, embora em menor quantidade.

A revista tem objetivos mais práticos do que meramente acadêmicos, ou seja, não apenas publicar artigos em linguística formal (estruturalismo, gramática gerativa, sociolinguística variacionista etc.). Isso não significa que os autores aqui presentes não sejam grandes especialistas na área a que se dedicam. O fato é que, como se vê na Apresentação, a revista foi criada “para que as línguas não oficiais e memorizadas possam ter voz, vez e oportunidade para que possam ser lidas, ouvidas ou sinalizadas e que possamos caminhar para a valorização das línguas africanas e brasileiras e suas culturas”. Tudo isso faz parte dos objetivos da linguística ecossistêmica.

Os artigos da Seção I sempre contêm o resumo na língua étnica de que tratam, além dos resumos em português e inglês e/ou francês. Entre as línguas contempladas contam-se changana, isizulu, cokwe, kikongo, o crioulo português da Guiné-Bissau (em três artigos), elomwé, fyote, ciyao, árabe (no artigo sobre arabismos botânicos na língua bântu), copi, wapichana (ameríndia) etc. A seção II contém apenas dois trabalhos: um sobre a “Morfologia e sintaxe do ngangela”, o outro sobre a “Genealogia familiar e aspectos da cultura Bantu, hábitos e costumes na tradição dos Ovimbundu, Benguela”. A seção III contém textos tanto em língua étnica quanto em português. Há também dois textos em crioulo português da Guiné-Bissau.

Em seguida vem a seção IV, cujo título é “Relatos de experiências, fotos, receitas de comidas tradicionais, ritos e festividades”, com dois textos inteiramente em crioulo guineense (um de Joarsem Bacar Embaló, outro de Cidália Mendes Correia Tavares). Um outro texto fala de uma língua de sinais. A seção termina com “Exposição fotográfica de quadros”, de Fabiana Macaluso. É uma seção bastante heterogênea.

A Seção V – “Provérbios, tabus, mitos” –, é uma miscelânea de conto/crônica, artigos da constituição de Angola em umbundu, um texto sobre covid-19 em Olunyaneka e uma evocação do Dia Internacional da Língua Materna, assunto que eu ignorava. A Seção VI, por fim, é dedicada às línguas de sinais, motivo pelo qual o terceiro texto da seção anterior deveria vir aqui, pois ele trata da língua de sinais terena. O último texto é uma exceção, pois consta de poemas na língua changana, portanto, destoando do que é enunciado no título da seção. Os textos sobre línguas de sinais contêm simplesmente um *link* para vídeos em que se pode ver o assunto sinalizado.

O editor-chefe encerra a Apresentação com as seguintes palavras: “Com esta publicação demos um passo e as línguas agradecem. Os seus falantes também se sentirão presentes na construção de uma sociedade justa, inclusiva e, sobretudo humana. Este é um passo simples e modesto para que um dia, a política linguística efetivamente coloque as línguas autóctones em pé de igualdade com as outras prestigiadas politicamente. Aguardamos as vossas contribuições para os próximos volumes e número”.

Como se vê, trata-se de uma revista bastante eclética. Talvez o objetivo seja justamente esse já que ela visa a enfatizar a diversidade tanto linguística quanto cultural. No domínio cultural, entram todas as suas possíveis manifestações, como pinturas, provérbios, poemas, lendas, religiosidade etc. Trata-se de uma iniciativa digna de elogios, embora necessite de muitas melhorias, coisa que certamente será feita nos próximos números. Um conselho final: seria interessante dividir uma massa tão grande de material por mais de um número, pelo menos dois.

* * * * *

4. TESES, DISSERTAÇÕES E MONOGRAFIAS

1. Dissertações de Mestrado

-Wesley Alves de Araújo. 2020. *Turgimão: o intérprete, a palavra e a ressignificação de ambos*.

Resumo: Esta pesquisa possui caráter exploratório e bibliográfico, e teve por objetivo a análise das mudanças ocorridas nas práticas dos intérpretes denominados turgimãos durante a história. Além disso, a evolução semântica da palavra que os definia se constituiu de igual forma como objeto desse estudo. O corpus apresentado foi formado pelos relatos de viagem de Thévet (1557), Léry (1578) e La Courbe (1686), e analisado a partir de duas bases teóricas: o middle ground, encontrado em White (1991), e o ecossistema cultural, apresentado por Couto (2018). Tal como esperado, concluiu-se que as mudanças ocorridas na forma como agiam esses intérpretes passaram por evoluções que foram influenciadas por fatores como o ambiente em que estavam inseridos, e mesmo as sociedades com as quais se relacionavam, adaptando-se ao meio em decorrência da necessidade. Além disso, o próprio termo que os

definia acompanhou as mudanças que aconteceram no contexto extra-linguístico (Dissertação de Mestrado em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, orientada por Sonia Cristina Reis e coorientada por Pierre François Georges Guisan). Acessável aqui:

<http://posneolatinas.letras.ufrj.br/index.php/dissertacao-2020-wesley-alves-de-araujo/>

* * * * *

-Pedrita Mynssen da Fonseca Castro Mello. 2020. *Alsácia e Martinica: Um estudo comparativo-quantitativo de duas ecologias de língua.*

Resumo: Esta pesquisa possui caráter exploratório, quantitativo e bibliográfico e visa a comparar duas formações linguísticas regionais distintas no atual território da República Francesa, considerando tanto o “Hexágono” quanto seus territórios “além-mar”; a primeira é a atual região da Alsácia, fronteira com a Alemanha, e a segunda, o atual departamento ultramarino da Martinica, uma ilha localizada entre o mar do Caribe e o oceano Atlântico. Ambas regiões preservam, em diferentes proporções e contextos, sua língua regional, sendo elas o alsaciano e o crioulo da Martinica. Foram comparados os contatos que originaram as duas línguas apontadas com base em dados populacionais, localidade, políticas linguísticas regionais, políticas educacionais, a situação hierárquica dessas e outras línguas existentes nessas comunidades, bem como a política linguística nacional, desde a Revolução de 1789, e, ainda, os elementos que compõem a identidade de seus falantes. Os corpora coletados foram analisados a partir de duas bases teóricas: o ecossistema linguístico de Couto (2007, 2009) e o modelo gravitacional de língua de Calvet (2002a) (Dissertação de Mestrado em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação de Sonia Cristina Reis e coorientação de Pierre François Georges Guisan). Acessável aqui:

<http://posneolatinas.letras.ufrj.br/index.php/dissertacao-2020-pedrita-mynssen-da-fonseca-castro-mello/>

* * * * *

2. Monografia de TCC

-Adriel G. Silva. Evolucionismo linguístico: Um paralelo entre evolucionismo biológico e mudança linguística. Trabalho TCC de Graduação em Letras, UNESP-Araraquara, orientado por Gladis Massini-Cagliari, 2013.

Resumo: A aproximação entre mudança linguística e evolução biológica é um assunto que causou e ainda causa muita polêmica entre linguistas e outros acadêmicos que veem nesta aproximação problemas relacionados a tentativas semelhantes no século XIX pelo Darwinismo Social, que aproximava evolução biológica do desenvolvimento social e cultural de um povo. Contudo, o que este trabalho busca mostrar é que o paralelo hoje não se constrói da mesma forma que fora feito antes. Nomes como William Labov, Salikoko Mufwene, Jonathan West e Hildo Honório do Couto, na Linguística; Charles Darwin, na Biologia; e Tom Ingold e Clifford Geertz, na Antropologia, mostraram que áreas das Ciências Humanas, como Linguística e Antropologia, e áreas da Ciência Biológica, como a Filogênese e Genética, são possíveis de serem trabalhadas em conjunto pelas tamanhas semelhanças entre processos que as compõem. Assim, baseado em escritos desses autores e alguns outros, este trabalho apresenta a polêmica do tema, mostra as semelhanças entre características de línguas e de espécies, buscando, através dos conceitos MA Mental, MA Social e MA Natural das línguas (cunhados por Couto em *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*) desenvolver ideias de como é possível pensar a mudança linguística a luz do conceito de “Seleção Natural” de Darwin e, por fim, mostrar que o tema do paralelo é produtivo, baseado nos textos e discussões apresentadas no trabalho, e que a polêmica vem se dissolvendo com cada vez mais pessoas trabalhando com o paralelo entre língua e espécies. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/123000>

* * * * *

5. PUBLICAÇÕES

5.1 Livros

-Anthony Nanson. *Storytelling and Ecology: Empathy, Enchantment and Emergence in the Use of Oral Narratives.* Londres: Bloomsbury, 2021. Em *ECO-REBEL* v. 7, n. 2, 2021 encontra-se uma minirresenha desse livro.

5.2 Revistas

-*Ecolinguística*: revista brasileira de ecologia e linguagem (*ECO-REBEL*) v. 7, n. 1, 2021. Para acesso ao conteúdo, clique aqui: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/issue/view/2196>

-*Ecolinguística*: revista brasileira de ecologia e linguagem (*ECO-REBEL*) v. 7, n. 2, 2021. Para acesso ao conteúdo, clique aqui: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/>

5.3 Artigos

-**Cléber César da Silva**. A língua de MH e as relações interativas de acordo com a ecologia da interação comunicativa. *Itinerarius reflectionis* v. 15, n. 1, 2019, p. 1-21. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/rir/article/view/54896>
DOI: <https://doi.org/10.5216/rir.v15i1.54896>

-**Cíntia da Silva Pacheco**. Identidade sociolinguística na fronteira de Aceguá (Brasil-Uruguai). *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 25, n. 1, p. 276-304, 2017. Apesar do título, o artigo foi escrito inteiramente no espírito da ecolinguística. A seção “As identidades, os territórios e a Ecolinguística” (p. 282-288) é explicitamente ecolinguística. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/issue/view/514/showToc>

-**Tadeu Luciano Siqueira Andrade**. AS REGRAS INTERACIONAIS E SISTÊMICAS NOS CONTEXTOS FORENSES: Diálogos possíveis entre o Direito e a Linguística Ecolinguística. *Revista da EMARF*, Rio de Janeiro, v.33, n.1, p.1-389, nov.2020/abr.2021
Disponível em: <http://seer.trf2.jus.br:81/emarf/ojs/index.php/emarf>

-**Maria Célia Dias de Castro & Gisélia Brito dos Santos**. Um estudo endo e exoecológico da palavra-chave pena. *Papéis*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens UFMS, v. 20, n. 39, 2016, p. 32-55. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/2351>

5.4 Capítulos de livro

-**Débora Silva Brito da Luz**. Análise da migração venezuelana para Roraima: uma perspectiva ecolinguística. In: ROSÁRIO, Ivo da Costa do; KALTNER, Leonardo Ferreira (orgs.). *Linguagem em diálogo com a sociedade: História, Política e Contato Linguístico*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem Universidade Federal Fluminense – Instituto de Letras, 2019, p. 245-257.

<https://docplayer.com.br/193922610-Linguagem-em-dialogo-com-a-sociedade-historia-politica-e-contato-linguistico-ivo-da-costa-do-rosario-leonardo-ferreira-kaltner-orgs.html>

-**Alexandre Antônio Timbane**. A etnonímia dos nomes dos distritos das províncias de Gaza e Maputo: uma análise da identidade ecolinguística. In: SOLEDADE, Juliana & SIMÕES NETO, Natival Almeida (orgs.). *Nomes próprios: abordagens linguísticas*. Salvador: EDUFBA, 2021, p. 297-319.
E-book disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/33773>

* * * * *

6. CURSOS E PALESTRAS

1. Cursos

-**Disciplina**: “Ecologia Linguística”, Programa de Pós-Graduação em Linguística, UnB, optativa. Responsável: Hildo Honório do Couto. Em situações normais, é ofertado semestre sim, semestre não.

-**Disciplina**: “Tópicos em ecolinguística”, Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, UnB-Planaltina, optativa. Responsável: Djiby Mane.

-**Disciplina**: “Língua e Meio Ambiente”, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, UFT-Porto Nacional. Responsáveis: Gilberto Paulino de Araújo e Elineide Eugenio Marques.

-**Gilberto Paulino de Araújo** ministrou a disciplina “Ecolinguística e Realidades Campesinas” (carga horária de 45 h/a) no Curso de Especialização em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico, na Universidade de Brasília, Campus Planaltina. em 2019 e 2021.

-**Minicurso**: “Análise do Discurso Ecolinguística: reflexões sobre análise discursiva a partir da episteme ecológica”, ministrado por Samuel de Sousa Silva, 3º Seminário de Línguas e Linguagens, 5-7/10/2021, UFMS/CPAQ. www.seminarioletrascpaq.ufms.br

2. Palestras

-**Tadeu Luciano Siqueira Andrade** proferiu a palestra “A interação comunicativa em audiências no juizado especial cível: uma análise à luz da ecolinguística e dos direitos linguísticos”. Congresso Interdisciplinar de Direitos Humanos I, Conselho Internacional de Altos Estudos em Direito – CAED-Jus, de 27 a 28 de julho de 2021. O trabalho será publicado em e-book e impresso. Site do evento: <https://www.caedjus.com/interdh2021/>

-**Hildo Honório do Couto** fez as seguintes apresentações:

a) Juntamente com **Anderson Nowogrodzki da Silva**, palestra sob o título de “A linguística ecossistêmica e as demais teorias linguísticas”, na *I Jornada do Grupo de Estudo sobre Linguagem e Pensamento: Linguística, Cognição e Cultura – I JOPLIN*, Universidade Federal do Ceará, 15 de julho de 2021.

b) Palestra sob título de “Ecolinguística” no VI Encontro Universitário sobre Linguagem, Cultura e Sociedade-Internacional, Universidade Federal de Rondônia-UNIR, Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem-DACL, em 26 de julho de 2021.

-**João Nunes Avelar Filho** preferiu a palestra “Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente”, no contexto da disciplina Linguística Geral da Universidade Federal de Roraima, em 22/07/2021.

* * * * *

7. LANÇAMENTO DE LIVRO

-No dia 04 de agosto de 2021, às 18h15min foi lançado o livro *A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica*. Campinas: Pontes, 2021, 159p., de Hildo Honório do Couto. O lançamento foi feito *online* na UNILAB, Câmpus do Malês, organizado por Alexandre Antônio Timbane. Aqui está o vídeo do lançamento, juntamente com o de outros dois autores. <https://www.youtube.com/watch?v=f9BrzQLvBfo>

* * * * *

8. TERCEIRA REUNIÃO DO GEPLÉ

-No *Boletim do GEPLÉ* n. 5, 2021, divulgamos o encontro do NELIM (Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário), grupo irmão do GEPLÉ baseado na UFG e coordenado por Elza K. N. do Couto. Pois bem, em 17/06/2021, houve a 3ª reunião do GEPLÉ a fim de retomar as atividades interrompidas devido à pandemia do coronavírus. O encontro foi moderado pelo vice-líder do grupo Gilberto Paulino de Araújo. Ele fez um apanhado geral do que aconteceu nos dois primeiros encontros, falou rapidamente de *Ecolinguística – revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* e passou a palavra ao líder Hildo Honório do Couto, que fez um apanhado geral sobre o *Boletim do GEPLÉ*. Mostrou que ele começou bastante humilde no final de 2019, mas foi progredindo a cada número publicado. No número 2, 2020, iniciou-se a divulgação de dissertações de mestrado e teses de doutorado em ecolinguística, na UnB. No número 3, 2020, foi inserida mais uma inovação, a publicação de miniartigos (ou pré-textos), ou seja, pequenos textos cujo objetivo é lançar ideias que poderão ser retomadas em um artigo mais formal. No caso, trata-se do artigo “Mas ele não é corrupto”, de Ubirajara Moreira Fernandes, que fala do chavão dos bolsonaristas de que Bolsonaro pode ser tudo, “mas ele não é corrupto”. O quarto número, 2020, publicou o miniartigo “Análise do Discurso Ecolinguística – ADE: conceituação e pequeno histórico”, de Hildo Honório do Couto, um apanhado geral e bem sucinto da ADE. O quinto número, 2021, publicou o miniartigo de Anderson Nowogrodzki da Silva “A pandemia covid-19 e os efeitos do discurso obscurantista instaurado nas redes sociais” e introduziu mais uma

novidade, minirresenhas, no caso, do livro *A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica*, de Hildo Honório do Couto (Campinas: Pontes, 2021), resenhado por Márcio M. G. Silva.

O último número publicado, n. 6, 2021, contém um miniartigo, duas minirresenhas e uma grande novidade, a de que o *Boletim do GEPL* conseguiu o ISSN (2763-7255). O miniartigo é “O negacionismo visto pela linguística ecossistêmica”, de Ubirajara Moreira Fernandes. As minirresenhas são de *Análise do Discurso Ecossistêmica (ADE): teoria e prática*, de Elza K. N. N. do Couto & Eliane M. F. Fernandes, feita por Zilda Dourado, e do livro indonésio, escrito em indonésio, *Ekolinguistik*, de Yusradi Usman Al-Gayoni (Jakarta, 2012), resenhado por Márcio M. G. Silva. Uma última novidade deste número é o resumo de três teses ecolinguísticas latino-americanas, uma do Chile e duas da Bolívia.

Este terceiro encontro do GEPL contou com a participação de 11 pessoas. São elas, por ordem alfabética: Alexandre António Timbane (UNILAB-Malês/GEPL), Anderson Nowogrodzki da Silva (UnB/UFG/GEPL), Cléber César da Silva (IF Goiano, Campus Urutaí/GEPL), Davi Borges de Albuquerque (SEE-SE/GEPL), Djiby Mane (UnB/GEPL), Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/NELIM), Gilberto Paulino de Araújo (UFT/GEPL), Hildo Honório do Couto (UnB/GEPL), João Nunes Avelar Filho (UEG-Formosa/GEPL), Jordana Naves Ripoll Craveiro (UnB/CEUB), Kênia Mara de Freitas Siqueira (POSLLI-UEG-Cidade de Goiás/GEPL). Eis um fotograma da apresentação pelo Google Meet.



Vista de um momento do Terceiro Encontro do GEPL, 17/06/2021.

Para ver a íntegra da reunião, clicar aqui: https://drive.google.com/file/d/15aVdv6m0Jw0WvJx4w9T-6Dc70aSIBC_1/view